

## FDA aprova consumo de carne e leite de clonados e suas progênes sob críticas<sup>1</sup>

Pedro E. de Felício<sup>2</sup>

A agência FDA é o mais antigo órgão governamental do mundo inteiramente dedicado à proteção da saúde dos consumidores; em 2006 comemorou os 100 anos da lei que lhe deu origem. Subordinado ao Departamento de Saúde dos Estados Unidos tornou-se o principal responsável pelo controle de medicamentos e alimentos daquele país. Seu prestígio é tal que muitos países se inspiram nas suas decisões quando fazem seus próprios regulamentos.

No penúltimo dia útil do ano, o FDA concluiu em caráter preliminar que o leite (de vacas e cabras) e a carne (de bovinos, suínos e caprinos) de clones e seus descendentes são alimentos seguros (não havia estudos que permitissem colocar no mesmo status à carne de ovinos). Se isto vier a ser confirmado em decisão final, após os 90 dias de consultas públicas, então será regulamentado para que os produtos oriundos de clones e de suas progênes sejam legalmente comercializados.

A aprovação inicial desperta uma onda de críticas de organizações de consumidores, que argumentam que a decisão do FDA não tem embasamento científico forte o bastante, e que as pesquisas de opinião mostraram que a maioria das pessoas consultadas se opõe à clonagem de animais; muitos a associam à possibilidade de clonar seres humanos, outras a animais transgênicos.

Companhias dos setores da carne e do leite estão preocupadas com a reação dos consumidores que podem ter a sua confiança em tais produtos abalada. Já as organizações contrárias à clonagem estão procurando o apoio de parlamentares visando evitar que a decisão do FDA se torne definitiva ou, no mínimo, que se exija que esses alimentos sejam rotulados para que os consumidores possam evitá-los.

Situação semelhante já havia ocorrido em 2003, contudo, alguns dias depois de ter sido acusada por organizações de consumidores de estar se precipitando na aprovação da matéria, a agência recuou. Na ocasião, como agora, o seu diretor do Centro de Medicina Veterinária, Dr. Stephen Sundlof, defendia que tanto a carne como o leite em questão eram iguais aos alimentos convencionais, dispensando uma rotulagem específica.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, ano 7, n.º 36, jan./fev., 2007, p. 72.

<sup>2</sup> Professor-associado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, CP 6121, Campinas SP.

Pode até parecer estranho que alguém discorde disso, mas há argumentos que merecem atenção, como o que diz que a tecnologia disponível para clonagem de células somáticas – a mesma que deu origem, em 1996, à ovelha Dolly, - ainda não é eficaz, pois pode produzir crias com anormalidades. Comeríamos alimentos que tivessem origem em cópias imperfeitas? Para o FDA as que sobrevivem são normais, mas nem todos acreditam. E as implicações éticas da clonagem e de seus efeitos no bem-estar animal? As raras empresas que sobreviveram no mercado de clonagem estariam dispostas a esperar enquanto se discute isso? É óbvio que não, pois há muito dinheiro em jogo.

Do lado dos que estão criticando a decisão está o jornal New York Times, que em editorial do último sábado (06/01/07) diz: que a aprovação é uma vitória das companhias de biotecnologia e uma perda para todo mundo; que a agência foi muito sensível a pressões políticas e econômicas; e que a pergunta mais importante não foi respondida, que é: para que precisamos de clones? E conclui: estamos condenados a deixar sempre para os políticos a palavra final sobre as novas tecnologias?

O fato é que depois da clonagem virão os animais transgênicos e seus clones. E assim caminha a humanidade, criando hoje os problemas a serem resolvidos no futuro.